

* Trabalho coordenado e redigido pelo primeiro signatário, devendo-se ao segundo a recolha da placa e indicação das condições de jazida e ao terceiro o seu desenho.

** Universidade Aberta (Lisboa). Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). cardoso18@netvisao.pt

*** GPS-Grupo Protecção Sicó. gps.sico@gmail.com

**** Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

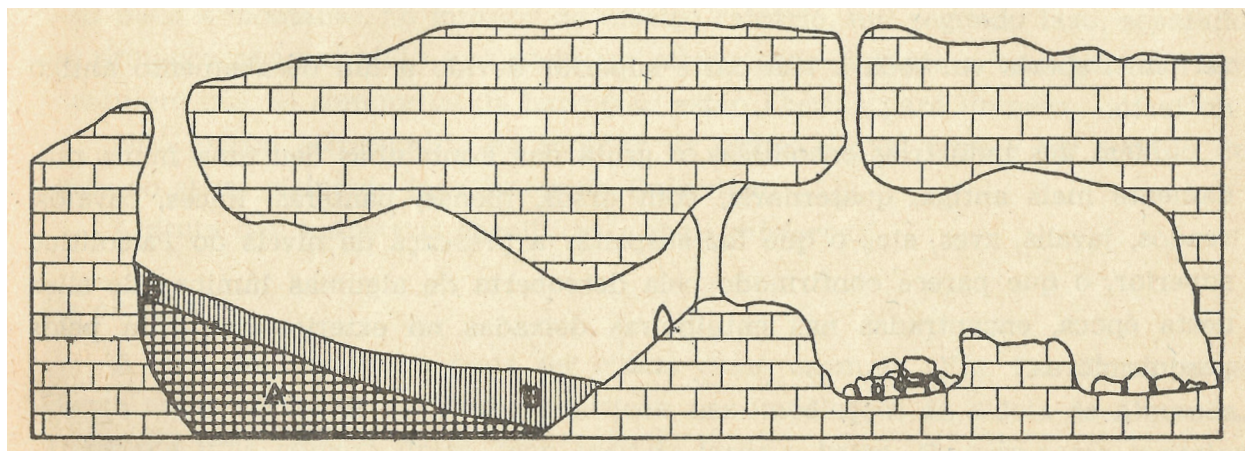
150 anos depois: uma rara placa de xisto decorada encontrada na gruta da Casa da Moura (Óbidos)*

João Luís Cardoso**
Sérgio Medeiros***
Filipe Martins****

A primeira publicação científica de uma gruta pré-histórica na Península Ibérica foi a dedicada à Casa da Moura, em 1867. O presente trabalho comemora os seus 150 anos e homenageia o notável geólogo e arqueólogo que foi seu autor: Joaquim Filipe Nery da Encarnação Delgado

Resumo Estuda-se placa de xisto recolhida ocasionalmente em 2016 na gruta da Casa da Moura (Óbidos) por uma equipa de espeleólogos do Grupo Protecção/Sicó, 150 anos depois das primeiras escavações ali realizadas. A peça jazia à superfície do chão da gruta e apresentava-se desprovida de contexto, já que o interior da cavidade foi quase totalmente removido pelas intervenções de Nery Delgado, a que se juntaram as de uma equipa de arqueólogos luso-americanos, em 1987. A placa ora publicada corresponde a um modelo iconográfico raro, com a representação ocular produzida por duas bandas curvas simétricas, interiormente preenchidas, o qual possui nítida distribuição geográfica atlântica, uma vez que, das cinco placas conhecidas com tais características, apenas é conhecida uma ocorrência no Alentejo Ocidental.

Abstract We study an engraved stone plaque occasionally collected in 2016 in the cave of the Casa da Moura (Óbidos) by a team of speleologists from the Protecção/Sicó Group 150 years later the first excavations performed there. The plaque lay on the ground of the cave and was devoid of context, since the interior of the cavity was almost totally removed by the interventions of Nery Delgado, joined by a team of Portuguese-American archaeologists in 1987. The piece corresponds to a rare iconographic model, with the eyeball representation produced by two symmetrical, interiorly filled curved bands. This type of representation has a clear occidental distribution, since of the five known plates with such characteristics, only one occurrence is known in Western Alentejo.



1. Introdução. Localização e história das investigações

A gruta da Casa da Moura, situada no planalto da Cesareda (Peniche) e a cerca de 1,5 km a SE da povoação de Serra d'El Rei, possui as seguintes coordenadas, lidas na CMP folha 337 à escala de 1/25 000:

39° 19' 36" lat. N; 9° 15'15" long W de Greenwich

As primeiras escavações, realizadas por Nery Delgado em 1865, foram descritas na primeira monografia dedicada à escavação de uma gruta pré-histórica, publicada na Península Ibérica (Delgado, 1867), já que a obra clássica onde se publicaram os resultados da exploração da célebre Cueva de los Murciélagos (Albuñol) saiu no ano seguinte (Góngora, 1868).

O título daquela monografia desde logo evidencia a principal preocupação do Autor, aliás em sintonia com uma das questões filosóficas e científicas mais candentes da sua época: a demonstração da antiguidade da espécie humana, por critérios científicos (Cardoso, 2015). O título escolhido, “Da existência do Homem no nosso solo em tempos mui remotos provada pelo estudo das cavernas. Primeiro opúsculo – Notícia acerca das grutas da Cesareda”, é, por outro lado, expressiva da influência da obra de Charles Lyell, “The geological evidences of the antiquity of Man” (Lyell, 1863).

A cavidade tem uma entrada em poço, de pequena altura, que comunica com uma sala ampla (a “sala principal de Nery Delgado”, ou primeira sala), a qual se encontra separada de outra, contígua (a segunda sala), por uma massa

rochosa correspondendo a uma passagem íngreme e baixa; esta sala, de tamanho idêntico ao da primeira, prolonga-se por uma galeria estreita, terminando num poço vertical (Fig. 1).

Na Fig. 1, apresenta-se secção longitudinal da cavidade (Zbyszewski, 1963, Fig. 9), com as duas unidades sedimentares principais reconhecidas por Nery Delgado na primeira sala: a mais recente (Camada B), anegrada e incoerente, com abundantes restos humanos e indústrias, líticas e ósseas, do Neolítico e Calcolítico; a mais antiga (Camada A), pliocénica, que foi a que mais despertou o seu interesse, já que o seu objetivo era o de caracterizar as ocupações humanas mais antigas observadas nas cavernas do território português, no âmbito das investigações que, pela mesma época, vinham a desenvolver-se por toda a Europa Ocidental (Cardoso, 2008, 2015).

É clara a preocupação metodológica do Autor na exploração dos depósitos arqueológicos:

Levantando o entulho, uma camada após a outra, fácil nos foi recolher todos estes objectos, sabendo-se sempre a altura a que tinham sido achados n'um ou n'outro ponto da gruta (Delgado, 1867, p. 46).

Por outro lado, caso a publicação de Nery Delgado tivesse atingido, na época, um público mais alargado, talvez o morfotipo humano de Cro-Magnon fosse conhecido por um nome português (Zilhão, 1993, 1997), dada a existência de um crânio que pode ter sido recolhido no depósito inferior. A ser assim, teria prioridade sobre a descoberta efetuada na gruta francesa de Cro-Magnon (Eyzies). Com efeito, os restos ali recolhidos remontam

Fig. 1 – Casa da Moura. Corte longitudinal simplificado da gruta. Observa-se a entrada, por um pequeno poço vertical, e a existência de duas salas, separadas por sobrelevação do chão da gruta, localmente ligado ao teto por uma coluna de calcite. Enquanto a primeira sala conservava dois depósitos arqueológicos sobrepostos, de épocas holocénica (Camada B) e pliocénica (Camada A), a segunda sala, encontra-se desprovida de depósitos (Zbyszewski, 1963, Fig. 9).



Fig. 2 – Casa da Moura. Vista parcial, obtida em 1987, da primeira sala da gruta, observando-se coluna calcífica representada na Fig. 1 (foto de J. L. Cardoso).

apenas a 1868, com base nos quais, em 1874, foi criada a designação de Homem de Cro-Magnon para caracterizar o primeiro Homem Anatomicamente Moderno.

Porém, o próprio Nery Delgado tinha dúvidas quanto à real proveniência estratigráfica deste crânio: embora o represente (Delgado, 1867, Fig. 1), acompanhado pela reprodução, de outros restos humanos, dá-o como proveniente da parte mais profunda do entulho remexido, ou seja, da base do depósito superior, já de época neolítica. Infelizmente, a comprovação da real antiguidade deste crânio não poderá fazer-se, porque o mesmo se extraviou há muito das coleções do Museu Geológico, onde se conserva, aparentemente, apenas um molde.

Em face das informações da posição estratigráfica que lhe correspondia, fornecidas pelo próprio Nery Delgado, a sua cronologia não podia deixar de ser considerada moderna: W. Boyd Dawkins, na sua conhecida obra “Cave hunting, researches on the evidence of caves respecting the early inhabitants of Europe” (Dawkins, 1874), apresenta uma desenvolvida análise da gruta, a pp. 145–147. A propósito do crânio mencionado, declara:

A human skull with lower jaw was dug out the deepest part, but, since the matrix had been disturbed, it had probably been interred after the accumulation of the deposit (...).

Boyd Dawkins fez também desenvolvidos comentários aos materiais recolhidos no depósito superior — correspondente a sucessivas utilizações funerárias no decurso do Neolítico e do Calcolítico — realçando a existência de

restos humanos, todos muito fragmentados e incompletos, abordando ainda a questão da antropofagia, tão cara a Nery Delgado, que apoia. Menciona, ainda, a atribuição, pelo eminente arqueólogo inglês John Evans, de uma ponta Palmela e de uma placa de xisto à Idade do Bronze,

probably to an early stage, when stone was being superseded by bronze, since many stone celts were found in the same spot (Dawkins, 1874, p. 147).

A importância internacional granjeada por estes trabalhos encontra-se evidenciada pela correspondência trocada com Nery Delgado, a qual envolvia, nalguns casos, como era usual na época, a permuta com materiais arqueológicos. É tal prática que explica a remessa, por Nery Delgado, a John Evans, de uma coleção de objetos pré-históricos portugueses (Cardoso & Melo, 2000, carta n.º 8), entre os quais alguns da Casa da Moura.

Os trabalhos de Delgado de 1865 e inícios de 1866 consistiram na abertura de uma vala, na primeira sala, de orientação N-S, em toda a largura da mesma; a espessura dos dois depósitos variava entre 2 e 4 m, até uma espessa camada estalagmítica que o autor admitiu assentar sobre os calcários jurássicos, que não chegou a atravessar totalmente, tendo, porém, cortado leitos arenosos interestratificados estéreis. A espessura do depósito plistocénico não ultrapassaria 1 m no lado sul, aumentando para os lados norte e oriental.

O primeiro signatário observou em 1987, na companhia de Georges Zbyszewski, O. da Veiga Ferreira e M. Telles Antunes, vestígios dos trabalhos realizados por Nery Delgado (Fig. 2), e confirmou a natureza do depósito inferior. Pouco depois, naquele mesmo ano, realizou-se nova intervenção, cujos resultados foram prontamente publicados (Straus & *alii*, 1988).

Nery Delgado removeu a quase totalidade dos depósitos holocénicos e plistocénicos, penetrando ainda no manto estalagmítico. Apenas uma área de 2,75 m² tinha interesse, na extremidade ocidental da sala, a qual permitiu confirmar a descrição de Nery Delgado de 1867; de cima para baixo, observou-se (Straus & *alii*, 1988, p. 68):

C.1a – depósito húmico, antropogénico, castanho-anegrado. Restos humanos e fragmentos

de cerâmica frequentes; escassos restos faunísticos (0,10–0,35 m);

C.1b – areias siltosas compactas, castanho-claras, com fragmentos de estalagmites. Escassos restos humanos e cerâmicos podendo ter vindo do nível superior, visto se concentrarem junto do contacto, nem sempre nítido; restos abundantes (particularmente numerosos os roedores e lagomorfos) incluindo lobo (na base) e artefactos líticos escassos e atípicos (0,40–0,50 m). Na base de C.1b, ocorrem areias avermelhadas no contacto com o manto estalagmítico; este, sobe até atingir o limite da sala, sugerindo a hipótese de, no Paleolítico Superior, a entrada poder ser horizontal, situando-se deste lado da sala; porém, tanto no Solutrense como depois, a entrada da gruta deveria corresponder à atual.

A frequência intermitente da gruta, por pequenos grupos humanos, poderia ter alternado com a de lobos, ou de outros carnívoros, em muito menor número, estudados em pormenor pelo primeiro signatário (Cardoso, 1993). Uma mandíbula de lobo, recolhida na base da C.1b (correlacionada com o depósito inferior de Delgado), foi datada pelo radiocarbono: TO-1102 – 25 090±220 BP. Indica a idade da base do depósito, anterior às indústrias gravettenses e solutrenses, correlacionáveis com a parte superior do referido depósito, corporizadas, segundo os autores, por partículas ou leitos carbonosos.

Os espólios arqueológicos exumados, sendo demasiado modernos para os objetivos perseguidos por Nery Delgado, foram por ele negligenciados, tanto na monografia de 1867, como em 1880, numa curta nota publicada em França, que integrou os resultados das explorações realizadas em 1879/inícios de 1880, tanto na gruta da Casa da Moura como na gruta da Furninha, Peniche (Delgado, 1880).

Contudo a valia científica de tais espólios não deixou de ser valorizada por terceiros, logo em 1867; com efeito, alguns deles foram publicados em belas litografias representando materiais arqueológicos de diversas estações pré-históricas representadas nas coleções da Comissão Geológica de Portugal, e que deveriam integrar um álbum que nunca chegou a editar-se devido às

desinteligências que, naquele ano, se geraram entre os dois membros codiretores da Comissão, Carlos Ribeiro e Francisco Pereira da Costa; dessas desinteligências resultou, por decreto de 1 de fevereiro de 1868, a extinção da Comissão Geológica de Portugal (Cardoso, 2013). É o próprio Pereira da Costa que apresenta detalhes sobre as consequências da referida desinteligência (Costa, 1868, p. V), no respeitante `publicação deste belíssimo conjunto de estampas:

Por ocasião da Exposição que se projectou fazer, e que efectivamente se realizou em Paris em 1867, fui encarregado, por uma resolução da Comissão directora dos Trabalhos Geologicos, de fazer um catalogo descriptivo e ilustrado com figuras dos principais objectos existentes na colecção da Commissão Geologica, e que pertencem à anthropologia e à archeologia prehistoricas do nosso paiz. Depois de ter feito a escolha e descripção dos objectos que deviam ser enviados à Exposição Universal de Paris, e depois de se acharem representados em estampas os mais importantes d'esses objectos, occorreram circunstancias pelas quaes, me foi impraticável a conclusão d'esse trabalho, e apesar de todas as nossas diligencias, a industria dos tempos prehistoricos de Portugal, deixou de ser representada na secção da historia do trabalho na exposição de 1867 de Paris.

As consequências foram ainda mais penosas para os trabalhos geológicos e arqueológicos em curso, logo suspensos desde fevereiro de 1868, pois, à extinção da Comissão, seguiu-se a ordem de transferência para a Escola Politécnica, da biblioteca e das coleções, por decreto de 23 de dezembro de 1868. Assim, no ano seguinte, os materiais recolhidos na Casa da Moura por Nery Delgado em 1865 e 1866 foram para ali transportados, especialmente os materiais antropológicos, pois eram os que mais interessariam a Pereira da Costa, lente naquele estabelecimento e a quem se ficou a dever tal decisão política. Tais espólios ainda foram vistos no mesmo edifício, pelo primeiro signatário, antes do incêndio que destruiu

Fig. 2 – Casa da Moura. Fragmentos de cerâmica recuperados na primeira campanha de escavações de Nery Delgado, com etiquetas exibindo datas de colheita de 1865 e 1866. Museu Geológico/LNEG (foto de J. L. Cardoso).



grande parte do mesmo, em março de 1978. Mas, pelo menos, alguns dos espólios arqueológicos, por certo os menos interessantes, conservaram-se no edifício ainda hoje ocupado pelo Museu Geológico, apesar de extinta a Comissão. Com efeito, da Casa da Moura ali se podem observar alguns exemplares com etiquetas ostentando datas de recolha referentes ao ano de 1865 e ao início de 1866, que certificam não só a época da primeira intervenção na gruta, mas também a sua provável permanência nas instalações da extinta Comissão Geológica (Fig. 3). Tais exemplares voltaram a incorporar oficialmente o acervo da nova instituição, reconstituída em finais de 1869, com designação ligeiramente diferente: Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal e apenas com Carlos Ribeiro como único Diretor, sendo Nery Delgado seu Adjunto.

A realização em Lisboa, em setembro de 1880, da IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas, justificou o acréscimo das explorações das grutas da Estremadura, sobretudo daquelas que anteriormente tinham já revelado espólios arqueológicos, necessá-

rios para o engrandecimento das coleções que Carlos Ribeiro e Nery Delgado desejavam fossem observadas pelos congressistas, na sede da Comissão. Assim, nos anos de 1879 e inícios de 1880 realizaram-se extensos trabalhos de escavação na Casa da Moura, bem como em grutas vizinhas, como é o caso da gruta da Malgasta, cujo espólio só em época recente foi estudado (Cardoso & Carreira, 1992).

Na Casa da Moura, a última intervenção dirigida em 1879–1880 por Nery Delgado acabou por remover a quase totalidade dos dois depósitos arqueológicos que ainda se conservavam. Os trabalhos revelaram-se extremamente produtivos, conforme se pode ler no Relatório dos Trabalhos Geológicos relativo ao ano económico de 1879/1880 (Relatório, 1881, p. 20):

Na gruta da Casa da Moura a exploração do depósito inferior ou da época quaternária foi relativamente menos productiva. E a fauna que ahi se encontrou é representada por menos número de espécies, mas em compensação o deposito superior ou da época neolítica deu, além de abundantíssimos despojos de esqueletos humanos (...), uma riquíssima serie de armas e instrumentos fabricados de diferentes rochas rijas, de sílex e de osso, e numerosos objectos de adorno, como contas de colar, amuletos e outras.

A escavação foi feita com idêntico ou até com maior cuidado que a de 1865–1866, já que, se naquela a profundidade dos achados foi sistematicamente registada, como acima se referiu, em 1879–1880, foi registada não só a profundidade, mas também a localização no interior da gruta de cada uma das peças recolhidas. Com efeito, em alguns dos materiais arqueológicos atualmente conservados no Museu Geológico, ainda se pode observar, além da indicação da respetiva profundidade de colheita, uma letra, que corresponde ao sector da escavação onde a peça foi colhida (Fig. 4). Trata-se, pois, da primeira intervenção realizada a nível mundial recorrendo ao registo tridimensional dos achados, conclusão que será desenvolvida em trabalho em curso de preparação pelo primeiro signatário.

Algumas das peças arqueológicas então exumadas foram pouco depois estudadas ou publicadas. Alfredo Bensaúde apresentou ao Congresso de Lisboa de 1880 estudo pioneiro sobre a natureza mineralógica e petrográfica de alguns artefactos pré-históricos conservados no Museu da então designada Secção dos Trabalhos Geológicos, entre os quais alguns da Casa da Moura, de fluorite, fibrolite e amazonite, matérias-primas consideradas desconhecidas em território português (Bensaúde, 1884); mais tarde, Émile Cartailhac, reproduziu diversos artefactos mais significativos, na sua célebre obra sobre a Pré-História peninsular (Cartailhac, 1886, Figs. 6 a 11).

O abundante espólio antropológico de idade holocénica recuperado na Camada 1 (ou Camada B, de Zbyszewski, 1963) no decurso da intervenção de 1879–1880, foi abordado em curta nota de F. de Paula e Oliveira, subordinado de Nery Delgado, publicada postumamente (Oliveira, 1888/1889), destacando-se um fragmento craniano com restos incompletos de trepanação (Fig. 5). Porém, este notável espólio permaneceu por estudar até época recente, e mesmo assim apenas foram publicados sistematicamente os materiais cranianos (Antunes, Cardoso & Cunha, 2009). Mantinha-se desconhecida a diacronia atribuível a este importante conjunto, pois apenas era conhecida uma datação de radiocarbono respeitante à ocupação do Neolítico Antigo identificada na gruta (Straus & alii, 1988), embora a mesma fosse indicada pelos abundantes materiais arqueológicos exumados por Nery Delgado, especialmente recipientes cerâmicos.

Para suprir aquela lacuna, oito calcâneos esquerdos humanos, para os quais se obtiveram datações por radiocarbono entre $4\ 932 \pm 30$ BP (Wk-28007) e $4\ 154 \pm 30$ BP (Wk-28008), permitiram situar a utilização de gruta como necrópole coletiva, de forma recorrente, no Neolítico Antigo, no Neolítico Médio, e no Neolítico Final e, depois, no Calcolítico Final/ inícios da Idade do Bronze (Carvalho & Cardoso, 2010/2011), resultados que são conformes à tipologia dos espólios arqueológicos respetivos.

Mas o notável espólio arqueológico da Casa da Moura, só viria a ser integralmente publicado quase 140 anos depois das primeiras escavações na gruta (Carreira & Cardoso, 2001/2002), reunindo os conjuntos atualmente conservados no Museu Geológico e no Museu Nacional de Arqueologia, para onde foram enviados, em 1905, pela Direção da Escola Politécnica, onde



Fig. 4 – Casa da Moura. Pormenor do verso de placa de xisto da segunda campanha de escavações de Nery Delgado (1879–1880), com etiqueta contendo letra correspondendo ao sector da gruta de onde provém e um número, respeitante à profundidade de colheita. Museu Geológico/LNEG (foto de J. L. Cardoso).



Fig. 5 – Casa da Moura. Pormenor de crânio incompletamente trepanado, recuperado na segunda campanha de escavações de Nery Delgado (1879–1880). Museu Geológico/LNEG (arquivo OVF/JLC).

se encontravam desde 1869, conforme acima se referiu (Vasconcelos, 1906, p. 91).

Com efeito, é interessante verificar que algumas das peças atualmente conservadas no Museu Nacional de Arqueologia já tinham sido reproduzidas na já mencionada coleção de litografias executadas por iniciativa de Pereira da Costa (Carreira & Cardoso, 1996).

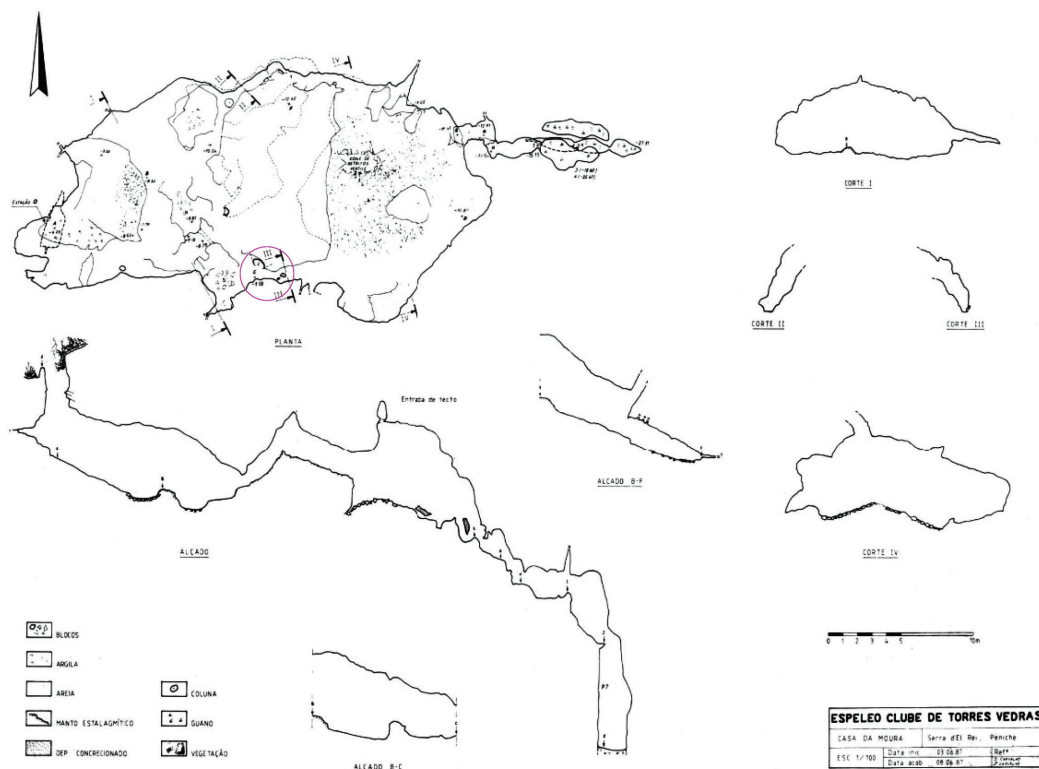
Enfim, em 1993 foi apresentado estudo sistemático do conjunto faunístico pliocénico (Cardoso, 1993) recolhido por Nery Delgado em 1879–1880, o qual havia sido já objeto de um estudo de síntese da autoria de Edouard Harlé (1910–1911).

2. A placa de xisto recolhida em 2016

2.1. Condições da descoberta

A placa de xisto gravada que é agora objeto de publicação, foi circunstancialmente recolhida na zona mais estreita da passagem entre as duas salas principais da cavidade (Fig. 6), no final de uma atividade de monitorização de uma colónia de morcegos, no âmbito do Plano Nacional de Conservação de Morcegos Cavernícolas, da responsabilidade do ICNF – Instituto

Fig. 6 – Casa da Moura. Topografia da Gruta da Casa da Moura (Óbidos) com a indicação do local da descoberta do fragmento da placa de xisto gravada (topografia do ECTV – Espele Clube de Torres Vedras, retirado de: <http://nabuc.webnode.pt/cadastro/gruta-casa-da-moura/>, adaptado).



Conservação da Natureza e Florestas, no dia 5 de junho de 2016 por um de nós (S. M.). Prontamente comunicado o achado ao primeiro signatário, entendeu-se justificada a sua publicação.

A placa, desprovida de contexto, jazia colada ao chão argiloso da gruta, constituído por mistura de “terra rossa” e guano, tendo sido, por sinal, relativamente fácil de encontrar dado o contraste de cor existente entre a placa de xisto e o chão da cavidade. Confrontando o local do achado com a distribuição original dos depósitos que constituíam a necrópole neolítica e calcolítica, verifica-se que a peça se situa no limite ocupado pelos referidos depósitos (ver conjuntamente a Fig. 1 e a Fig. 6), tendo passado despercebida até hoje por se ter colado ao chão primitivo da cavidade.

Presentemente, a peça encontra-se depositada no Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Óbidos.

2.2. Descrição

Para a descrição do exemplar foram seguidos vários critérios descritivos utilizados nos estudos de placas de xisto (Gonçalves, 2004). Trata-se de um fragmento da parte superior de placa de xisto gravada em ambas faces,

com uma altura indeterminada, largura no topo de 5,2 cm e espessura de 0,6 cm, apresentando uma perfuração bitroncocónica, situada ao centro, no topo da peça, com 0,4 cm de diâmetro na face e no verso, a qual se encontra enquadrada dentro de um retângulo irregular (Fig. 7).

Na face (entendida como a superfície que apresenta o motivo principal), a Cabeça apresenta uma altura de 4,4 cm, sendo a sua separação do corpo corporizada por uma linha horizontal.

A decoração da Cabeça é inteiramente formada por um par de dois arcos simétricos, muito irregulares e de tendência lenticular, preenchidos interiormente por reticulado, definindo dois espaços vazios interiores correspondentes ao globo ocular. Na execução deste motivo, evidencia-se um traço pouco seguro, já que os dois arcos inferiores foram previamente esboçados por uma linha que definia um contorno mais interior, depois abandonado.

O motivo do Corpo, na face, apesar da fratura da peça, corresponde a uma banda com composição de três triângulos com o vértice para cima preenchidos interiormente por reticulado.

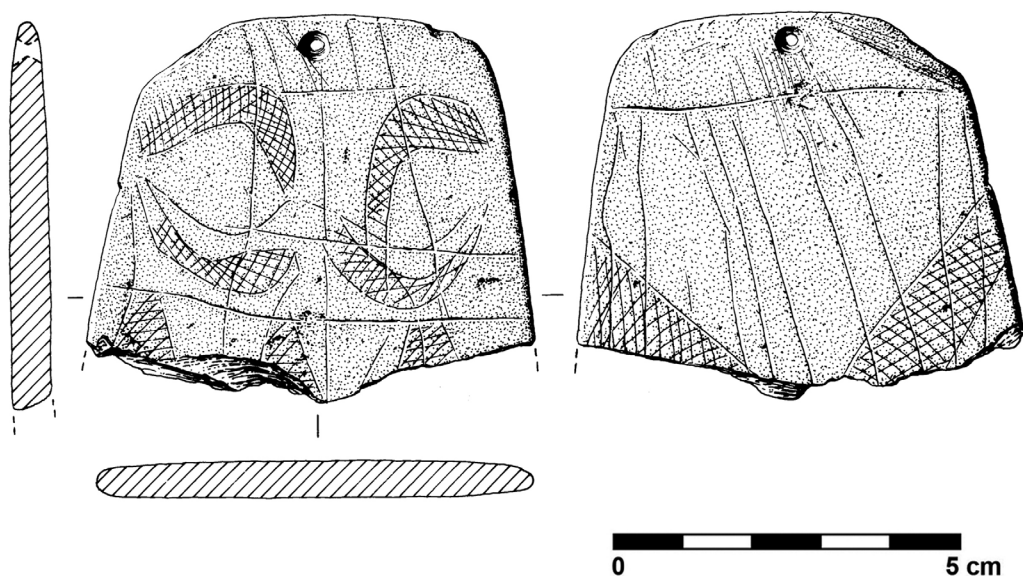
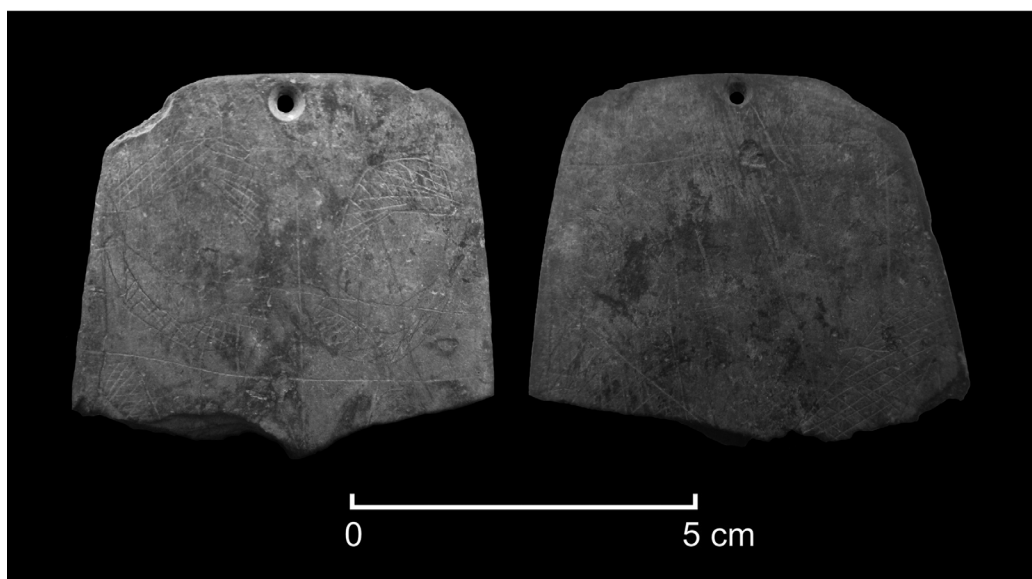


Fig. 7 – Casa da Moura. Desenho e foto das duas faces do fragmento da placa de xisto (autoría de Filipe Martins).



No verso, a Cabeça encontra-se separada do Corpo por uma linha horizontal, individualizando uma faixa superior lisa com 1,2 cm de altura. O Corpo, abaixo da referida linha horizontal, encontra-se gravado por duas faixas incompletas devido a fratura, oblíquas e simétricas, preenchidas interiormente por reticulado, aparentemente formando um V, disposto na vertical, o qual define um amplo espaço vazio, que se prolonga até ao topo. Este amplo espaço vazio encontra-se sulcado de linhas simples irregulares, de tendência vertical. No entanto, e devido à fratura existente, também poderá ter formado um grande X, à semelhança de outras placas

existentes noutros contextos funerários — como por exemplo o exemplar da Lapa da Galinha (Gonçalves, Andrade & Pereira, 2014, Fig. 10) —, ou em alternativa um “colar”, como os representados em outros exemplares daquela gruta (Gonçalves, Andrade & Pereira, 2014, Figs. 12 e 13). O xisto usado como suporte tem tonalidade cinzento-clara e apresenta bastante desgaste na decoração (possivelmente devido a processos pós-depositacionais). A fratura da peça é recente, e pode facilmente explicar-se pelo facto de, estando numa zona de passagem, ter sido pisada por muitos dos visitantes da gruta, desde o século XIX.

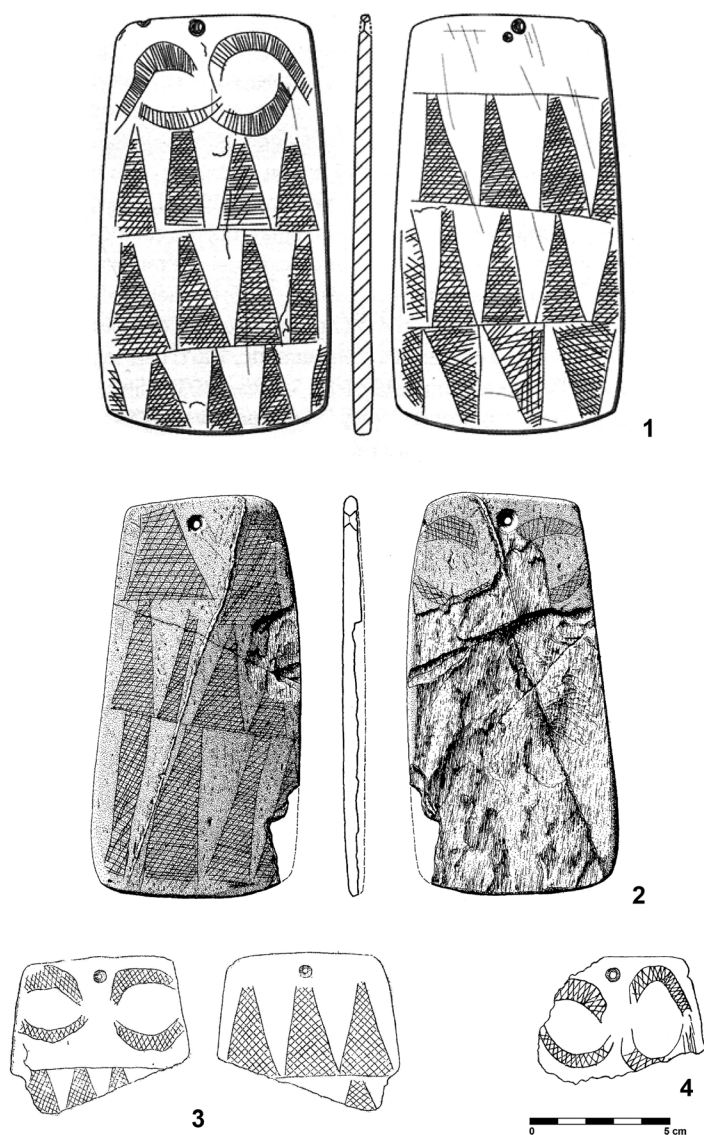


Fig. 8 – Paralelos formais para a placa de xisto da Casa da Moura. 1 – Buraco da Moura da Rexaldia, Torres Novas (seg. Andrade; Maurício & Souto, 2010, Figs. 5 e 6); 2 – Necrópole das Lapas, Torres Novas (seg. Carreira, 1996, Est. 8); 3 – Anta 6 de Brissos, Mora (seg. Correia, 1921, Fig. 27); 4 – Povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro, Azambuja (seg. Jalhay & Paço, 1945, Fig. 5, n.º 4).

2.3. Paralelos

Os paralelos diretos que foram compulsados para esta placa são os seguintes, na sequência de dois estudos recentemente publicados relativos às duas primeiras estações abaixo elencadas:

- **Buraca da Moura da Rexaldia (Chancelaria, Torres Novas)** – Gruta natural, de grandes dimensões, que foi objeto de escavações na década de oitenta do século XX sob coordenação de Manuel Farinha dos Santos, tendo sido recolhido abundante espólio arqueológico referente a tumulações de épocas distintas. Foram identificados nesta cavidade cársica materiais refentes ao Neolítico,

Calcolítico, Idade do Bronze, Idade do Ferro e Época Romana revelando ocupação recorrente da cavidade com longa diacronia. A placa de xisto diretamente comparável à da gruta da Casa da Moura (Fig. 8. n.º 1) foi recolhida fora de contexto arqueológico, entre blocos de abatimento, aquando da desobstrução da gruta na década de noventa do século XX e encontra-se depositada na sede da Sociedade Torrejana de Espeleologia e Arqueologia (Andrade, Maurício & Souto, 2010).

A placa possui contorno retangular e apresenta como decoração gravada, na face, a representação oculada ocupando a totalidade da Cabeça e três bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima, distribuídas ao longo do Corpo. No verso, a Cabeça apresenta-se lisa, separada do Corpo por uma linha horizontal, o qual se encontra preenchido por três bandas de triângulos gravados, duas com o vértice para cima, a última com o vértice para baixo. A placa possui uma perfuração bitronco-cónica no topo e no verso verifica-se uma tentativa de perfuração que foi abandonada.

- **Necrópole das Lapas (Torres Novas)** – necrópole constituída por um ou vários pequenos hipogeus, de características desconhecidas, intervencionada na década de trinta do século XX por E. Jalhay e mais tarde por Manuel Heleno. Em 1996 publicou-se integralmente o conjunto da necrópole das Lapas (Carreira, 1996), reproduzindo-se uma placa que possui paralelo direto no exemplar em estudo (Fig. 8, n.º 2). De xisto ardosiário, possui contorno sub-retangular, e apresenta na Face composição da cabeça com motivo oculado, idêntico aos patentes nos restantes exemplares que integram este grupo. O verso é inteiramente ocupado por bandas de triângulos preenchidos com vértice para cima, alguns deles muito irregulares e de tamanhos muito distintos. Possui uma perfuração bitronco-cónica no topo. A peça faz parte do acervo do Museu Nacional de Arqueologia (coleção de M. Heleno), referenciada com o número MNA 2003.168.162, não se conhecendo o contexto original de onde foi recuperada. Esta estação arqueológica e o respetivo espólio, foi objeto de reapreciação recente (Andrade, 2015).

- **Anta de Brissos 6 (Mora)** – Trata-se de monumento megalítico com corredor longo,

escavada por Vergílio Correia (Correia, 1921, p. 39). O espólio recolhido é abundante. Um dos fragmentos de placa de xisto recolhida evidencia estreitas semelhanças com o fragmento recolhido na gruta da Casa da Moura (Correia, 1921, p. 42, fig. 27), especialmente no que respeita à face, ostentando representação oculada e decoração do corpo por triângulos com o vértice para o topo (Fig. 8, n.º 3).

- Vila Nova de São Pedro (Azambuja) – Trata-se de povoado fortificado calcolítico explorado ininterruptamente entre 1937 e 1967 por Eugénio Jalhay e Afonso do Paço, e apenas por este último após o falecimento do primeiro, em 1950 (Ribeiro & Cardoso, 2013). O exemplar com interesse comparativo foi recolhido na 5.ª campanha de escavações, em 1941, sendo evidente a analogia da sua composição com o exemplar da Casa da Moura (Jalhay & Paço, 1945, Fig. 5, n.º 4). A representação oculada responde claramente ao mesmo cânone, mas desconhece-se a composição da decoração do Corpo, devido à fratura da peça. Também nada é dito quanto à existência de decoração no verso da placa, sendo natural que a parte conservada a não exhibisse, o que não significa que todo o verso fosse liso (Fig. 8, n.º 4).

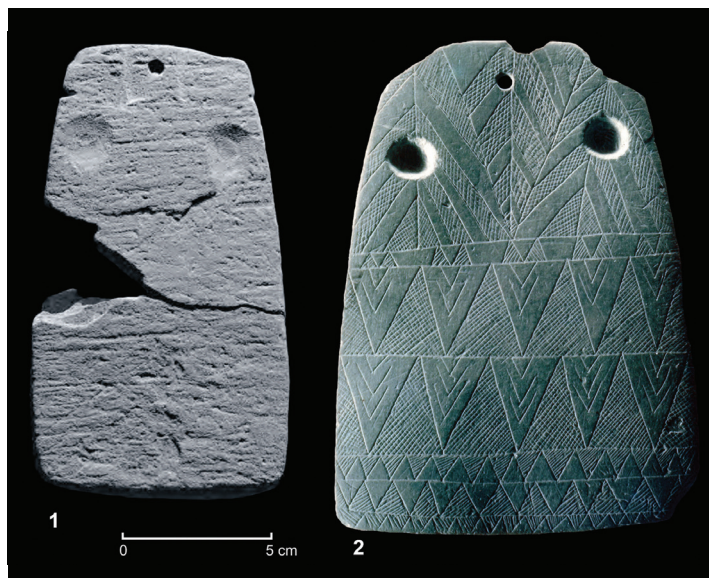
A presença de fragmentos de placas de xisto em povoados não é de estranhar pois seria onde tais artefactos eram manufacturados, mas a ocorrência deste exemplar comprova a produção desta tipologia de placas em pleno Calcólítico.

3. Discussão

3.1. Características iconográficas

A placa de xisto decorada recolhida em 2016 na Casa da Moura não tem paralelo em nenhuma das placas de xisto ali recolhidas por Nery Delgado (Carreira & Cardoso, 2000–2001); integra um grupo muito restrito destas produções, caracterizadas pela iconografia dos olhos, raramente representados desta forma. Com efeito a forma mais comum, corresponde à conhecida representação ocular radiada, que emana vitalidade e fulgor.

Ao contrário, a representação dos olhos segundo a forma patente no exemplar da Casa da Moura destaca um espaço interior



em branco, correspondente ao próprio globo ocular, sugerindo um olhar vazio, desprovido de vida, que tem paralelo em diversas placas, tanto de xisto como de micaxisto, onde o mesmo olhar vazio e inexpressivo foi obtido pela simples escavação, nas próprias placas, de duas depressões em calote.

Aquela técnica de representação ocular encontra-se exemplarmente ilustrada por placa de micaxisto da gruta da Furninha, Peniche, dada recentemente a conhecer (Cardoso & Carvalho, 2010–2011) (Fig. 9, n.º 1) e por placa de xisto recolhida na gruta 2 de Alapraia, Cascais (Jalhay & Paço, 1941, Fig. 14, n.º 2) (Fig. 9, n.º 2). Outra forma semelhante de representação dos olhos, correspondendo ao mesmo cânone, observa-se numa placa de um dólmen de Barbacena (Elvas), reproduzida por Vergílio Correia, sendo os olhos duas coroas circulares interiormente preenchidas por reticulado, simetricamente dispostas de ambos os lados da Cabeça (Correia, 1921, Fig. 69, n.º 1).

No caso da placa da Casa da Moura, bem como em todas as placas comparáveis acima inventariadas, para a representação dos olhos recorreu-se, como acima se disse, à gravação dois arcos simétricos, um superior e outro inferior, cada um deles delimitado por duas linhas curvas incisadas, preenchidos interiormente por reticulado (apenas num caso por linhas incisadas paralelas, o da placa da gruta da Rexaldia). É interessante verificar que qualquer dos dois arcos — os quais, em conjunto, definem o globo ocular — podem ocorrer isoladamente, conhecendo-se várias placas onde tal se observa. Tal

Fig. 9 – Placas com olhos constituídos por depressões em calote. 1 – de micaxisto, da gruta da Furninha (seg. Cardoso & Carvalho, 2010–2011, Fig. 35, n.º 1); 2 – de xisto, da gruta artificial 2 da necrópole de Alapraia, Cascais (arquivo JLC/OVF).

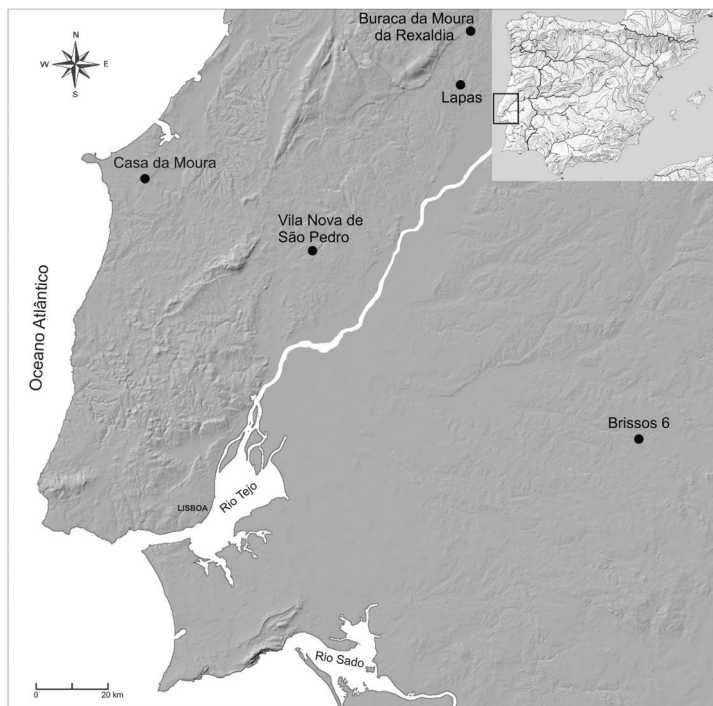


Fig. 10 – Distribuição geográfica das placas de xisto estudadas.

facto não impediu Vergílio Correia de integrar num único grupo, na sua classificação das placas de xisto com base na representação dos olhos, quaisquer desses casos. Assim, o seu 3.º grupo integra indiferenciadamente as placas “En que existe sólo la representación de los arcos orbitarios, superiores, inferiores o completos” (Correia, 1921, p. 80), exemplificando o último caso com a placa da anta 4 de Brissos, por ele então pela primeira vez publicada (Fig. 27) e respetivamente os dois restantes com as placas das grutas de Alcanena (leia-se Lapa da Galinha), ilustradas nas Figs. 28 e 66 do seu trabalho.

Contudo, a variante correspondente à presença do arco orbitário inferior (Fig. 66, placa MNA 6491), foi entretanto interpretada como tatuagens faciais ou, simplesmente, seguindo terminologia meramente morfológica, como grinaldas; ambas as leituras foram recentemente apresentadas para este exemplar (Gonçalves, Andrade & Pereira, 2014, pp. 116, 143). Em contrapartida, a variante correspondente à presença do arco orbitário superior, representada pelo exemplar da gruta da Galinha reproduzido por Vergílio Correia na Fig. 28 (placa MNA 6654), pode representar as sobranceiras, segundo os citados autores, conjuntamente com outros exemplares, como um fragmento de placa da gruta do Cabeço da Ministra, Alcobaça

(Gonçalves, Andrade & Pereira, 2014, pp. 120, 133).

Em conclusão, para Vergílio Correia a presença de apenas um arco na Cabeça das placas, fosse ele superior ou inferior, era suficiente para o atribuir à representação dos olhos, enquanto para Victor S. Gonçalves e colaboradores, aquela presença dever-se-ia antes atribuir a sobranceiras (no caso do arco ser o superior) ou a tatuagens faciais (no caso do arco ser o inferior), correspondendo a representações oculares apenas os casos em que estivessem presentes ambos os arcos. O ponto de vista que se considera mais adequado coincide com esta posição, embora se esteja no campo, sempre escorregadio e discutível, das interpretações de representações simbólicas.

Outra realidade que emerge do estudo comparativo realizado é o facto de estas placas se apresentarem via de regra decoradas em ambas as faces, realidade que reforça a identidade deste grupo, já de si com características iconográficas próprias, no conjunto das placas de xisto decoradas.

Tal identidade tem expressão geográfica atlântica bem marcada: com efeito, dos cinco exemplares conhecidos, quatro distribuem-se pelo espaço entre o Tejo e o Oceano Atlântico, e apenas um ocorre fora desta região, mas ainda assim na zona alentejana mais ocidental (Fig. 10).

4. Conclusões

A publicação da presente placa de xisto permitiu confirmar a existência de um grupo homogéneo do ponto de vista iconográfico, constituído por 5 exemplares, com base nas características específicas das representações oculares definidas por dois arcos simétricos na área correspondente à Cabeça e de ambos os lados desta.

Tal grupo caracteriza-se ainda pela decoração se encontrar via de regra presente nas duas faces, evidente peculiaridade no quadro genérico das produções deste tipo de artefactos simbólicos.

A identidade deste grupo está também substanciada na sua distribuição geográfica, de carácter acentuadamente ocidental, conforme foi demonstrado.

Apesar de escassos, os 5 exemplares que integram este grupo provêm de assinalável varie-

dade de contextos: grutas naturais (2), hipogeus (1) e antas (1), para além de um exemplar recolhido em contexto habitado (1).

A ocorrência de um exemplar no povoado fortificado de Vila Nova de São Pedro, Azambuja, permite incorporar a produção deste grupo no Calcolítico, aliás em conformidade com as representações oculares que o caracterizam, já que as mesmas, quando presentes, são consideradas um atributo tar-

dió, no quadro geral da iconografia das placas de xisto.

Enfim, a placa ora estudada, resultante de um achado fortuito efetuado em 2016, constitui o epílogo de uma brilhante história de investigação arqueológica levada a cabo por Joaquim Filipe Nery Delgado na Casa da Moura, a primeira gruta pré-histórica que, na Península Ibérica, foi objeto de publicação científica, no ano de 1867.

Agradecimentos

Ao Doutor Miguel Ramalho, responsável pelo Museu Geológico do LNEG e ao Dr. José António Anacleto, técnico da mesma Instituição, respetivamente pela autorização e pela disponibilidade do acompanhamento dispensado ao primeiro signatário aquando da observação e registo fotográfico dos espólios da Casa da Moura ali conservados.

Aos participantes na visita à gruta da Casa da Moura (5/6/2016), todos membros do GPS-Grupo Proteção Sicó: Pedro Alves, Rita Lemos, Cláudia Neves, Afonso Medeiros, Mário Rebelo, Vera Fortes e Diogo Rebelo.

Bibliografia citada

ANDRADE, Marco António (2015) – Contributo para a definição das práticas funerárias neolíticas e calcolíticas no Maciço Calcário Estremenho. 2: As placas votivas da “necrópole megalítica” das Lapas (Torres Novas) e o hipogeísmo na Alta Estremadura. *Nova Augusta*. 27, pp. 295–322.

ANDRADE, Marco António; MAURÍCIO, João; SOUTO, Pedro (2010) – Contributo para a definição das práticas funerárias neolíticas e calcolíticas no Maciço Calcário Estremenho. 1: estudo morfo-tipológico de duas placas de xisto gravadas da gruta da Buraca da Moura da Rexaldia (Chancelaria, Torres Novas). *Nova Augusta*. Série 2. 22, pp. 239–259.

ANTUNES, Miguel Telles; CARDOSO, João Luís; CUNHA, Armando Santinho (2009) – Espólio humano da gruta da Casa da Moura (Cesareda): observações osteológicas crânio-faciais. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 17, pp. 175–221.

BENSAÚDE, Alfredo (1884) – Note sur la nature minéralogique de quelques instruments de Pierre trouvés en Portugal. In *Congrès International d'Anthropologie et d'Archeologie Préhistoriques. Compte-Rendu de la Neuvième Session (Lisbonne, 1880)*. Lisbonne: Typographie de l'Académie des Sciences, pp. 682–698.

CARDOSO, João Luís (1993) – *Contribuição para o conhecimento dos Grandes Mamíferos do Plistocénico superior de Portugal*. Tese de doutoramento apresentado à Universidade Nova de Lisboa. Oeiras: Câmara Municipal.

CARDOSO, João Luís (2008) – Joaquim Filipe Nery Delgado, arqueólogo. In *Nery Delgado (1835–1908): Geólogo do Reino*. Lisboa: Museu Geológico/INETI/Centro de História e Filosofia das Ciências/FCT/UNL, pp. 65–79.

CARDOSO, João Luís (2013) – Carlos Ribeiro, a “Breve notícia acerca do terreno quaternário de Portugal” e a questão do Homem terciário em Portugal. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 20, pp. 27–88.

CARDOSO, João Luís (2015) – A investigação da antiguidade do Homem no Portugal de Oitocentos: um contributo para a História da Ciência. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 22, pp. 9–42.

CARDOSO, João Luís; CARREIRA, Júlio Roque (1992) – Escavações de Nery Delgado no planalto de Cesareda nas grutas da Lapa Furada e da Malgasta (Peniche): estudo do espólio arqueológico. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. 78:2, pp. 145–173.

CARDOSO, João Luís; CARVALHO, António Faustino (2010–2011) – A gruta da Furninha (Peniche): estudo dos espólios das necrópoles neolíticas. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 18, pp. 333–392.

- CARDOSO, João Luís; MELO, Ana Ávila de (2000) – Correspondência anotada de Carlos Ribeiro e de Nery Delgado: contribuição para a história da Arqueologia em Portugal. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*. 88, pp. 309–346.
- CARREIRA, Júlio Roque (1996) – A necrópole megalítica das Lapas (Torres Novas). *Nova Augusta*. Série 2. 10, pp. 51–90.
- CARREIRA, Júlio Roque; CARDOSO, João Luís (1996) – Um conjunto de litografias arqueológicas inéditas da Comissão Geológica de Portugal. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*. 82, pp. 145–168.
- CARREIRA, Júlio Roque; CARDOSO, João Luís (2001–2002) – A Gruta da Casa da Moura (Cesareda, Óbidos) e sua ocupação pós-paleolítica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 10, pp. 249–361.
- CARTAILHAC, Émile (1886) – *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Paris: Ch. Reinwald.
- CARVALHO, António Faustino; CARDOSO, João Luís (2010–2011) – A cronologia absoluta das ocupações funerárias da gruta da Casa da Moura (Óbidos). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 18, pp. 393–406.
- CORREIA, Vergílio (1921) – *El Neolítico de Pavia (Alentejo-Portugal)*. Madrid: Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas.
- COSTA, Francisco António Pereira da (1868) – *Descrição de alguns dolmens ou antas de Portugal*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Ciências.
- DAWKINS, W. Boyd (1880) – *Early man in Britain and his place in the Tertiary Period*. London: Macmillan & Co.
- DELGADO, Joaquim Filipe Nery (1867) – *Noticia acerca das grutas da Cesareda*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Ciências.
- DELGADO, Joaquim Filipe Nery (1880) – Les grottes de Peniche et Casa da Moura, Portugal. Station et sépulture néolithique. *Materiaux pour L'Histoire Primitive de l'Homme*. 11, pp. 241–247.
- GONÇALVES, Victor S. (2004) – As placas de xisto gravadas dos sepulcros colectivos de Aljezur (3.º milénio a.n.e.). *O Arqueólogo Português*. Série 4. 22, pp. 163–318.
- GONÇALVES, Victor S.; ANDRADE, Marco António; PEREIRA, André (2014) – As placas votivas (e o báculo) da Lapa da Galinha, na primeira metade do 3.º milénio a.n.e. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 21, pp. 109–158.
- GÓNGORA Y MARTÍNEZ, Manuel de (1868) – *Antigüedades prehistóricas de Andalucía monumentos, inscripciones, armas, utensilios y otros importantes objetos pertenecientes a los tiempos más remotos de su población*. Madrid: Imprenta a cargo de C. Moro.
- HARLÉ, Edouard (1910–1911) – Les mammifères et oiseaux quaternaires connus jusqu'ici en Portugal. *Comunicações da Comissão do Serviço Geológico de Portugal*. 8, pp. 22–85.
- JALHAY, Eugénio; PAÇO, Afonso do (1941) – A gruta II da necrópole de Alapraia. *Anais da Academia Portuguesa da História*. 4, pp. 107–140.
- JALHAY, Eugénio; PAÇO, Afonso do (1945) – El castro de Vilanova de San Pedro. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*. 20, pp. 55–141.
- LYELL, Charles (1863) – *The antiquity of Man with remarks on theories of the origin of Species by variation*. London: John Murray.
- OLIVEIRA, Francisco de Paula e (1888–1889) – Caracteres descriptivos dos crâneos da Cesareda. *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal*. 2, pp. 109–118.
- RELATÓRIO (1881) – *Relatório dos trabalhos geodésicos, topográficos hydrographico e geológico do Reino pertencente ao Anno Economico de 1879–1880*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- RIBEIRO, Maria; CARDOSO, João Luís (2013) – Três décadas de escavações em Vila Nova de São Pedro (1937–1967). *Arqueologia em Portugal – 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 39–47.
- STRAUS, Lawrence Guy; ALTUNA ETXABE, Jesús; CARVALHO, Emanuel; JACKES, Mary; KUNST, Michael (1988) – New excavations in Casa da Moura (Serra d'El Rei, Peniche) and at the Abrigos de Bocas (Rio Maior), Portugal. *Arqueologia*. 18, pp. 65–95.
- VASCONCELOS, José Leite de (1906) – Acquisições do Museu Etnologico Português. *O Arqueólogo Português*. 11, pp. 89–92.
- ZBYSZEWSKI, Georges (1963) – A importância das grutas em Pré-História. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Janeiro–Junho, pp. 31–50.
- ZILHÃO, João (1993) – As origens da arqueologia paleolítica em Portugal e a obra metodologicamente precursora de J. F. Nery Delgado. *Arqueologia e História*. Série X. 3, pp. 111–125.
- ZILHÃO, João (1997) – *O Paleolítico Superior da Estremadura portuguesa*. Lisboa: Colibri.